

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## CONTAS DE PASTA VÍTREA POLICRÓMICAS DO MUSEU ETNOLÓGICO.

CHAVES, Luís

Ano: 1955 | Número: 65

---

### Como citar este documento:

CHAVES, Luís, Contas de pasta vítrea policrómicas do Museu Etnológico. *Revista de Guimarães*, 65 (1-2) Jan.-Jul. 1955, p. 137-141.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Contas de pasta vítrea policrómicas do Museu Etnológico

POR LUÍS CHAVES

Do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos  
(Lisboa)

---

Quando, com o mesmo título de «Contas de pasta vítrea policrómicas», o Dr. Félix Alves Pereira, falecido Conservador do *Museu Etnológico Português*, estudou a técnica, a origem e a distribuição destas contas, aludiu às do Museu, hoje com o título de *Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos*.

O assunto continua a ser como ele o definiu, logo no começo do estudo, «verdadeiro quebra-cabeças dos arqueólogos»; a publicação foi feita em 1933 nas páginas da revista PORTUCALE, em números sucessivos do volume VI (Porto, 1933) (1).

Em 1934, foi publicado pelo Dr. Armando de Matos, também falecido, outro trabalho sobre o mesmo assunto, com a designação de «Contas de massa vítrea encontradas em Angola». Constituiu Comunicação apresentada ao «1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial», no Porto, e inseriu-a o Vol. II dos «Trabalhos» deste Congresso (2).

---

(1) *Portucale*, Vol. VI, 1933, números 31 (Janeiro-Fevereiro), págs. 24-31; 32 (Março-Abril), págs. 72-80; 33 (Junho), págs. 118-121. Vol. VII, 1934; n.ºs 37-38 (Janeiro-Abril), com o título de «A propósito das contas vítreas policrómicas», págs. 16-18. Porto.

O primeiro número insere a pág. 26 uma reprodução de aguarela de Francisco Valença, com a conta de S. Julião do Freixo (Ponte de Lima).

(2) *Trabalhos do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Porto, 1934, Vol. II, págs. 455-462.

Ambos os autores fazem referências aos achados destas contas em Portugal, do Minho ao Algarve, como falam dos exemplares do Museu Etnológico. O segundo acrescentou à notícia do primeiro três contas provenientes da província ultramarina de Angola (1), e incluiu nas existências uma conta grande, que o Dr. Leite de Vasconcelos adquiriu no Cairo, por ocasião de um Congresso de Arqueologia, em 1909; o vendedor afirmou-lhe que o exemplar proviera da Síria (2).

Em 1954, o Sr. J. M. Cordeiro de Sousa publicou, e foi esta a última notícia do assunto, «Grandes contas vítreas multicolores do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa». Saiu a notícia com esta achega no «Boletim» da Sociedade (3). Já o Dr. Carlos da Silva Lopes tinha informado Armando de Matos da existência das oito contas da Índia Portuguesa, apontadas pelo Sr. Cordeiro de Sousa (4).

A presente resenha limita-se a retomar o mesmo assunto no que toca aos exemplares do Museu Etnológico. A interpretação está onde a deixaram as comunicações de Félix Alves Pereira e Armando de Matos.

Começemos, cronologicamente, pelas notícias de Félix Alves Pereira; este antigo funcionário do Museu Etnológico tinha conhecimento directo dos objectos, dos locais de encontro e das pessoas que os ofereceram ao Museu em que servia, ou de quem provieram. Algumas destas contas entraram, porém, no Museu muito depois de ele o ter deixado para ir ocupar outra função pública (5).

---

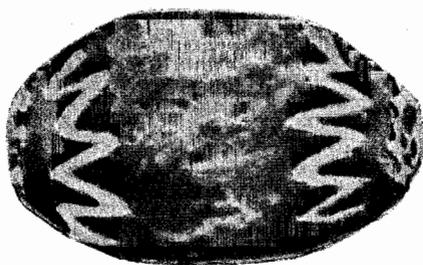
(1) Pertencem ao Museu Municipal de Azuaga, em Gaia.

(2) *Trabalhos*, pág. 455. — Esta conta foi lançada pelo punho de Leite de Vasconcelos no «Livro das Entradas» do Museu Etnológico em 14 de Agosto de 1909; nele ficou a fls. 39, com o número 2359.

(3) *Boletim da Soc. de Geografia*, 72.<sup>a</sup> Série, N.ºs 1-3, Janeiro-Março de 1954, págs. 115-117, Est. 1.

(4) *Trabalhos*, pág. 456. Dizia o catálogo manuscrito que eram da Índia (mesma informação).

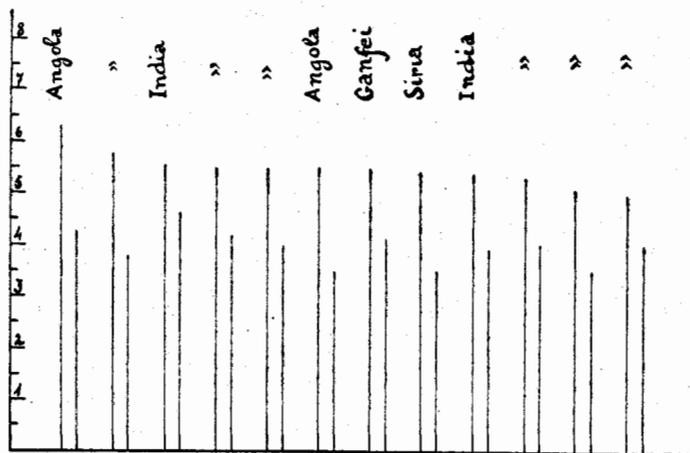
(5) Entraram depois no Museu algumas contas, que pertenceram a Marques da Costa, divididas longitudinalmente ao meio, mas de dimensões precisas.



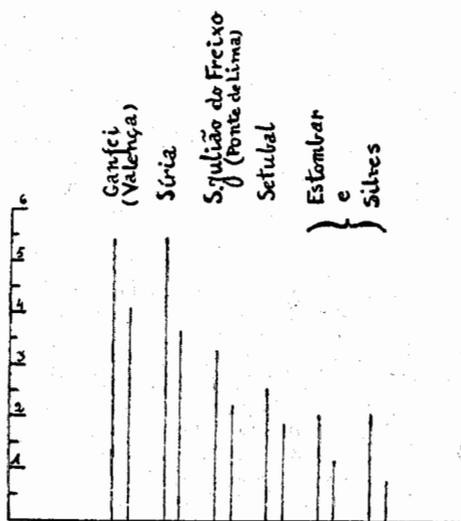
*Conta da Síria* (Museu Etnológico)

Tam. natural

(Aquarela de Raúl Xavier)



*Escala n.º 1 — Comparação das contas de maior vulto (as de Ganfei e da Siria existentes no Museu Etnológico; as de Angola no Museu de Azuaga, em Gala; as da India no Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa). O traço maior de cada grupo representa o comprimento da conta respectiva; e o traço menor o diâmetro transversal.*



*Escala n.º 2 — Comparação das contas, inteiras, do Museu Etnológico. A mesma significação dos traços.*

São do seu tempo as contas seguintes: uma, encontrada «nas encostas de um castro situado em S. Julião do Freixo, concelho de Ponte do Lima» (dimensões:  $0^m,033$  de comprimento  $0^m,021$  de diâmetro) <sup>(1)</sup>; outra, da Quinta de S. Salvador, freguesia de Ganfei, concelho de Valença ( $0^m,054$  por  $0^m,042$ , e  $0^m,010$  de diâmetro do canal central) <sup>(2)</sup>; um grupo de mais de meio cento, dos conventos de Chelas e Marvila, hoje na periferia da cidade de Lisboa, <sup>(3)</sup>, cortadas ao comprido, de dimensões identificáveis na sua maioria (entre  $0^m,035$  e  $0^m,025$  de diâmetro) e algumas outras transversalmente, o que permite observar a estrutura interna <sup>(4)</sup>; outro grupo de cerca de vinte contas fragmentadas, do convento de Brancanes, em Setúbal, também cortadas longitudinalmente (doze) ou transversalmente (sete), além de fragmentos menores, <sup>(5)</sup>; dois exemplares, os mais pequenos de todos os existentes no Museu, incluídos num colar, formado de contas de diversos tipos, encontrados por Estácio da Veiga em Estômbar e Silves, no Algarve ( $0^m,021$  e  $0^m,011$ ;  $0^m,021$  e  $0^m,008$ ) <sup>(6)</sup>. Não aludiu à conta da Síria, talvez por lhe ter escapado. Após o falecimento de Marques da Costa entraram no Museu Etnológico muitos objectos do espólio arqueológico do notável investigador de Setúbal. Entre eles figuravam duas contas da Cerca de Brancanes, partidas longitudinalmente de forma que se reconhecem as dimensões com pequeníssimo erro ( $0^m,045$  e  $0^m,026$ ;  $0^m,043$  e  $0^m,025$ )

(1) *Portucale*, n.º 31, pág. 24. Teve notícia de outra de Correlhã, no mesmo concelho: págs. 28-29.

(2) *Portucale*, n.º 31, págs. 28-29.

(3) Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, vol. IV, 1891, pág. 262, Est. XXXII. Há nesta colecção numerosas contas de tipo grande, tipo médio e tipo menor.

(4) A par do grupo de contas elipsoidais há outro, menor, de contas cilíndricas, torsas, de idêntica estrutura técnica.

(5) *O Archeólogo Português*, vol. XV, Lisboa, 1910, pág. 69, n.º 1. Contas de Brancanes e da Quinta dos Meses, elipsoidais e cilíndricas, torsas. *O Arch. Português*, vol. XV, Est. VII, n.º 511 (cinco fotografias).

(6) Estácio da Veiga, *Antig. Monum. do Algarve*, vol. IV, págs. 257 e 258, Est. XXX.

e outras duas, da Quinta dos Meses, bem mensuráveis (0<sup>m</sup>,0335 e 0<sup>m</sup>,031; 0<sup>m</sup>,033 e 0<sup>m</sup>,030), além de fragmentos menores.

Armando de Matos limitou-se a mencionar os exemplares citados por Félix Alves Pereira e acrescentou a referência à grande conta da Síria, de que lhe dei informação a pedido seu (1).

Félix Alves Pereira observou que a maior das contas do Museu era a de Ganfei (Valença do Minho) com 0<sup>m</sup>,054 por 0<sup>m</sup>,042; e ainda hoje, dos exemplares inteiros, e por conseguinte com dimensões mensuráveis, é a maior: a da Síria tem o mesmo comprimento (no eixo maior) mas é menos grossa com 0<sup>m</sup>,0365 de diâmetro. São mais avultadas as de Angola (Armando de Matos) (2) e algumas da Índia (Cordeiro de Sousa) (3). Na escala n.º 1, que acompanha esta resenha muito sumária, vê-se a distinção dimensional das contas maiores, em comparação das do Museu Etnológico (Ganfei e Síria) e das de Angola e Índia.

A escala n.º 2 contém apenas as do Museu, incluídas também as que figuram na primeira (Ganfei e Síria).

O aspecto mais arcaico é o das contas inteiras e de algumas das fragmentadas. Mais novas e de brilho perfeito são as de pequeno porte, de Estômbar e Silves. Deve anotar-se que todas elas, como já foi observado por Félix Alves Pereira e Armando de Matos, foram encontradas no litoral e em rios que desaguam no Atlântico.

---

(1) *Trabalhos*, pág. 455.

(2) A. Matos refere que outras contas foram encontradas em Angola, na exploração da Companhia dos Diamantes, como o informou o Prof. Dr. Santos Júnior (Universidade do Porto): *Trabalhos*, pág. 457.

(3) Perguntou Armando de Matos se estas contas teriam sido encontradas nos territórios portugueses da Índia (*Trabalhos*, pág. 456); também não seria de mais perguntar se o teriam sido em antigos territórios de domínio português.